

## **O Estado de S. Paulo**

**12/7/1986**

### **Bóias-frias mantêm a greve**

Mãos dadas, braços erguidos para o crepúsculo, os trabalhadores rurais de Leme rezaram ontem o Padre Nosso em memória de dois mortos no conflito da madrugada. O estádio municipal "Hilário Hilder" estava cheio de rostos abatidos e assustados durante a assembléia realizada à tarde, que decidiu pela continuidade da greve. Dom João Fernando Legal, bispo da Diocese de Leme, pediu calma e tranqüilidade a todos, repudiando a violência.

Os trabalhadores decidiram que hoje ninguém vai trabalhar. Também não haverá piquetes. Foram chamados a participar da missa de corpo presente, às dez horas, na igreja Matriz e, em seguida, acompanhar o sepultamento. A pacata cidade de Leme estava em silêncio.

Em São Paulo, o Partido dos Trabalhadores promoveu ato de repúdio da sociedade civil na Assembléia Legislativa, contra as violências cometidas em Leme, mas também responsabilizando os que, tanto por ação como por omissão, colaboraram para que isso ocorresse, inclusive desrespeitando imunidades parlamentares e o Poder Legislativo, como disse Hélio Bicudo, candidato a senador pelo PT. Dessa reunião participaram representantes do PC do B, da CUT, do Movimento dos Sem-Terra, da UNE, da Associação Brasileira de Reforma Agrária, do cardeal d. Paulo Evaristo Amos (frei Ismael), do Sindicato dos Engenheiros, da Associação dos Assistentes Sociais, da Associação dos Servidores da Saúde e das direções nacional e estadual do partido. Segundo Hélio Bicudo, mais do que o PT, a própria Justiça deve estar preocupada em apurar de onde partiram os tiros durante os acontecimentos.

A direção nacional da CUT divulgou, à noite, nota oficial com sua linguagem de sempre, considerando o incidente de Leme como "resposta do governo à ordem do poder econômico".

**(Página 12)**